



Simonsen: equilíbrio com cortes de despesas fiscais não adianta

Equilíbrio impossível

■ Simonsen diz que dívida tira brilho do real

SERGIO LEO

BRASÍLIA — O aumento de US\$ 12,7 bilhões da dívida interna do governo federal em apenas um mês mostra que o impacto dos juros altos sobre as contas públicas é muito maior do que admite o governo, avalia o ex-ministro do Planejamento Mário Henrique Simonsen, que considera “impressionante” esse resultado. “Se a privatização vai ao ritmo de R\$ 1 bilhão ao ano e a dívida cresce a R\$ 10 bilhões, não há equilíbrio possível. Os juros estão influenciando *pra burro*, comentou Simonsen, sem intenção de fazer trocadilho.

Para o economista, o comportamento da dívida, reflexo do desequilíbrio das contas públicas e da situação das contas externas do país, “empana o brilho” do Plano Real. Simonsen acredita que esse resultado é uma “advertência” à equipe econômica. Medidas que contribuíram para o aumento da dívida, como a troca de títulos de governos estaduais por títulos do BC desmoralizam os esforços de controle dos gastos públicos, acredita. “Isso no meu tempo era déficit. Não é

vantagem nenhuma para o governo anunciar equilíbrio nas contas porque conteve despesas fiscais até chegar a esse equilíbrio”, diz Simonsen.

Simonsen não se impressionou com o anúncio, pelo Banco Central, de que o país teve um déficit de US\$ 11,4 bilhões em suas transações correntes com o exterior (a soma dos gastos e receitas com comércio exterior, juros, dividendos e outras obrigações financeiras). Esse resultado equivale a 4% do Produto Interno Bruto, quase o dobro do que o governo acreditava alcançar em todo o ano. Para o economista, esse déficit ainda pode ser financiado este ano, com a entrada de investimentos externos; mas mostra preocupante desequilíbrio das contas externas do país, que pode provocar sérios problemas se não for contido a tempo.

“O déficit em transações correntes vai ser de uns US\$ 20 bilhões durante o ano. Está sendo financiado, mas é aquela história: há limites. Para reduzir esse número à metade é necessário obter um superávit de US\$ 5 bilhões no comércio exterior”, analisa Simonsen. No primeiro semestre deste ano, o comércio exterior, em vez disso, teve déficit de US\$ 4,7 bilhões.